



○ PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO NA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

*Charles Melo de Oliveira*¹

RESUMO: Este artigo oferecerá uma breve definição dos principais termos teológicos relacionados à teologia do culto, como “adoração”, “culto”, “liturgia”, “ordenanças” (ou “elementos”), e “circunstâncias”. Finalmente, o Princípio Regulador do Culto será definido e explicado com base nas Escrituras e na tradição reformada, afirmando as prescrições bíblicas como regra do que se deve praticar no culto público. O objetivo deste artigo é oferecer uma defesa do Princípio Regulador do Culto como um ensino bíblico baseado na doutrina da suficiência das Escrituras. Este princípio regulador deve ser observado hoje, mesmo quando as tendências na igreja moderna seguem na direção oposta.

PALAVRAS-CHAVE: Culto; Adoração; Liturgia; Ordenanças; Elementos do culto; Circunstâncias do culto; Princípio regulador do culto.

INTRODUÇÃO

O presbiterianismo está espalhado pelo mundo. A bandeira da fé reformada presbiteriana foi fincada em muitos países como Escócia, Irlanda, Estados Unidos, México, Brasil e Malawi. No entanto, não há uniformidade litúrgica nessas denominações. Cada denominação presbiteriana possui sua maneira peculiar de adorar ao Senhor, embora todas elas professem subscrição aos Símbolos de Fé de Westminster. A Confissão de Fé de Westminster (doravante, CFW) possui um princípio regulador de culto que deveria contribuir para a uniformidade da teologia de culto de todas as denominações que a subscrevem. Este princípio regulador conduz às Escrituras como a regra de fé e de prática, inclusive na adoração a Deus.

¹ O autor é pastor da Westchester Orthodox Presbyterian Church em New Rochelle, NY, nos Estados Unidos, formado em teologia (Bacharel) pelo Seminário Teológico Presbiteriano “Rev. José Manoel da Conceição”, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e Mestre em Teologia (ThM) pelo Puritan Reformed Theological Seminary.

Parte desse problema decorre de inovações culturais na adoração cristã. Todas as denominações presbiterianas possuem raízes em sua própria cultura. Cada uma recebe influência da cultura na qual está inserida. Como poderiam estas diferentes denominações preservar a pureza do culto cristão mesmo numa multiplicidade de culturas? Como essas igrejas poderiam evitar a influência secular e cultural na forma de adorar ao Senhor? A resposta é simples: observando o Princípio Regulador do Culto (PRC). Este princípio poderia tornar possível identificar um culto presbiteriano em qualquer lugar do mundo, mesmo sem uma sinalização ou informação da identidade da igreja local. Como esse princípio foi estabelecido? Qual o seu significado?

Este artigo oferecerá uma breve definição dos principais termos teológicos relacionados à teologia do culto. Finalmente, o Princípio Regulador do Culto será explicado e devidamente embasado. O objetivo deste artigo é oferecer uma defesa do Princípio Regulador do Culto como um ensino bíblico baseado na doutrina da suficiência das Escrituras. Este PRC deve ser observado hoje, mesmo quando as tendências são na direção oposta. O PRC é fundamental para levar a igreja a agradar a Deus com o sacrifício vivo e lógico que ela presta dominicalmente, na adoração ao Senhor (Rm 12.1-2).

1. O CULTO NA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

A CFW é uma declaração de fé sucinta e abrangente. Em muitas denominações presbiterianas, todos os ministros são ordenados após responder à pergunta: “Você recebe e adota sinceramente a Confissão de Fé e os Catecismos desta Igreja, como contendo o sistema de doutrina ensinado nas Escrituras Sagradas?”.² Esta Confissão de Fé e Catecismos são os Padrões de Fé de Westminster. Portanto, a CFW é uma exposição sistemática dos ensinamentos bíblicos.

Letham afirma que a CFW, “dentro de alguns limites, era mais inclusiva do que exclusiva”.³ No entanto, a CFW considerou algumas doutrinas inaceitáveis. Letham⁴ menciona os ensinamentos distintivos de Roma; alguns aspectos do luteranismo (mais especificamente os sacramentos e a dupla predestinação); anabatismo (no capítulo sobre a igreja e os sacramentos, votos e juramentos); antinomismo; arminianismo; amiraldianismo, mesmo implicitamente por causa do ensino forte da redenção particular.

Uma das maiores ênfases da CFW é a adoração pública. Este é um tema importante na doutrina cristã. De fato, a humanidade foi criada para adorar o Senhor. A queda estabeleceu uma separação entre o homem e Deus. A queda

² Book of Church Order, “Form of Government – Chapter XXIII: Ordaining and Installing Ministers.” *The Orthodox Presbyterian Church* (acessado em 12 de maio de 2015). http://www.opc.org/BCO/FG.html#Chapter_XXIII

³ LETHAM, *The Westminster Assembly*, 117.

⁴ *Ibid.*, 117–119.

implicou a perda da imagem estrita de Deus, ou *justiça original* (verdadeiro conhecimento, retidão, santidade – Efésios 4.24 e Colossenses 3.10). O homem perdeu o conhecimento de como adorar o Senhor. A maneira incorreta que Caim escolheu para adorar é uma demonstração de tal cegueira por causa do pecado. No entanto, Deus apontou Jesus Cristo como o Mediador para nossa adoração. A oferta de um cordeiro por Abel anunciou Jesus Cristo. Ele é o Mediador de tudo em nosso relacionamento com o Senhor (1Timóteo 2.5). A adoração é um dos temas centrais nas Escrituras. É o assunto principal da lei cerimonial, o propósito principal do tabernáculo e do templo no Antigo Testamento. A igreja foi reunida para adoração pública. Esta é a razão e o propósito da missão da igreja: reunir o povo eleito de Deus para se oferecer como sacrifício vivo em adoração ao Senhor (Romanos 12.1-2).

A CFW também falou proficuamente do Princípio Regulador do Culto. No entanto, uma definição dos conceitos e termos bíblicos relacionados ao tema *adoração* é necessária antes de um discurso focado no Princípio Regulador do Culto.

2. DEFINIÇÃO DE TERMOS

2.1 ADORAÇÃO

Adoração vem da palavra hebraica *shahâ* no modo hithpael e significa “prostrar-se” ou “adorar”.⁵ O termo grego do Novo Testamento é *proskynéo*⁶ e esta palavra possui o mesmo uso que *shahâ*. Esta palavra veio da ideia de alguém se curvar até o ponto de beijar os pés de seu Senhor. Adorar é reverenciar a Deus, porque ele é digno. O pressuposto da adoração é o reconhecimento da divindade. Adoramos o Senhor porque acreditamos que ele é Deus. William Temple, quando era Arcebispo de Canterbury, escreveu: “Adorar é vivificar a consciência pela santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purificar a imaginação pela beleza de Deus, abrir o coração ao amor de Deus, devotar a vontade ao propósito de Deus”.⁷ Além disso, Edward Morris mostrou como a adoração é uma questão importante na vida cristã.

O elemento fundamental no culto como aqui descrito é a adoração — o reconhecimento devoto de Deus como um Ser infinitamente digno em si mesmo, e digno também no que diz respeito às suas relações com o homem, da máxima veneração que o homem pode oferecer. Em outras palavras, é a oferta a

⁵ HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Theological Wordbook of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1980, p. 915.

⁶ KITTEL Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. VI. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1968, p. 758.

⁷ TEMPLE, William. *Nature, Man, and God*. London: Macmillan, 1964, p. 21.

Deus de verdadeira homenagem espiritual, envolvendo não apenas aquela consideração reverente que é devida de todas as suas criaturas morais, mas também suprema fidelidade, amor e devoção. Em outras palavras, é a aproximação da alma a ele no caminho de sua própria nomeação em tal quadro de santo temor e afeição filial como é apropriado para alguém a quem ele criou, está sustentando por sua providência, e possui como seu sujeito e filho — uma aproximação como aquela que é vista nas hostes angelicais e nos redimidos no céu, enquanto eles lançam suas coroas a seus pés, e com rostos velados clamam para sempre, Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo-Poderoso.⁸

Morris conectou a ideia de adoração com a doutrina de Deus. O adorador precisa ter a ideia dos atributos de Deus em mente para que ele possa entender como Deus é digno de adoração em si mesmo. A base para a adoração é o próprio Deus como o Ser mais poderoso no universo. A razão pela qual a CFW tem boas declarações sobre adoração está na sua pressuposição de quão majestoso, poderoso, santo, justo e maravilhoso Deus se manifesta por meio das revelações geral e especial. Obviamente, uma visão ruim dos atributos de Deus levará a um conceito errado e insuficiente de adoração.

2.2 CULTO

Culto indica os atos de adoração oferecidos a Deus. O termo *culto* veio da palavra hebraica *abad*, traduzido como “servir”, “trabalhar”, mas essa palavra tem uma raiz árabe que significa “adorar, obedecer”.⁹ O termo equivalente no grego é *latréuo*, “servir,” “cultuar”, e *latréia*, que também significa “cultuar” ou “adorar”.¹⁰ “A verdadeira religião reivindica a pessoa inteira, alma e corpo, a mente, o coração e toda a força; requer que os seres humanos sirvam a Deus com fé sincera, esperança firme e amor ardente, com adoração em espírito e em verdade, com os sacrifícios de um espírito quebrantado e um coração contrito.”¹¹

2.3 LITURGIA

Há outro termo importante relacionado ao culto: *liturgia*. Este termo veio do grego *leitourgos*, que originalmente significa “prestar serviço público às suas

⁸ MORRIS, Edward D. *Theology of the Westminster Symbols - a Commentary Historical, Doctrinal, Practical, on the Confession of Faith and Catechism and the Related Formularies of the Presbyterian Churches*. Columbus: Champlin Press, 1900, p. 703.

⁹ HARRIS, ARCHER, WALTKE, *Theological Wordbook of the Old Testament*, p. 639.

¹⁰ BROWN, Colin; COENEN, L.; HILLYER, Norman. *The New International Dictionary of New Testament Theology - Vol. 3*. Grand Rapids; Exeter: Regency Reference Library; Paternoster, 1978, p. 549.

¹¹ BAVINCK, Herman; BOLT, John. *Reformed Dogmatics: Abridged in One Volume*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2011, p. 54.

expensas”.¹² Na Septuaginta (LXX), no entanto, o significado de liturgia inclui o serviço sacerdotal e dos levitas no templo, com uma conotação ritualística. Na literatura secular, a liturgia apontava para o serviço público. Na Bíblia, a liturgia aponta para o relacionamento entre Deus e seu povo.

Em algumas passagens do Novo Testamento, liturgia significa *ritual sagrado* (Hb 8.2,6; 9.21; 10.1,11; Rm 15.16; Fp 2.17; Lc 1.23). Há a mesma ideia de ritual em Atos 13.2, mas espiritualizada em uma oração. Esta oração é um instrumento de adoração a Deus. Não há significado de ritual sagrado em outras passagens, mas um serviço em favor de alguém (Rm 15.27; 2 Co 9.12; Fp 2.25,30 e Hb 1.7). Assim, liturgia é o ritual que um crente cumpre como culto de adoração a Deus. Todas as ações do culto de adoração são ações litúrgicas. Talvez agora tenhamos todos os elementos necessários para definir o que é o Princípio Regulador do Culto.

3. O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO NAS TRADIÇÕES CATÓLICA, LUTERANA E REFORMADA

Como devemos adorar a Deus? O que devemos fazer para oferecer uma adoração agradável em sua presença? Há pelo menos três respostas diferentes para essas perguntas. Primeiro, a Igreja Católica respondeu com base na tradição. Então, temos que adorar nosso Senhor de acordo com a tradição que a Igreja vem seguindo desde o início.

Em segundo lugar, os luteranos diriam “podemos fazer o que não é proibido” (Princípio Normativo do Culto). Lutero andou por esse caminho, embora Helmar Junghans tenha afirmado corretamente que, por trás dessa declaração, “de forma alguma está a convicção de que o que acontece no culto é completamente arbitrário”.¹³ Lutero claramente mencionou esta liberdade no tocante à adoração:

No entanto, tomamos o caminho do meio e dizemos: Não deve haver nem comando nem proibição, nem para a direita nem para a esquerda. Não somos nem papistas nem karlstadtianos, mas livres e cristãos, pois elevamos ou não elevamos o sacramento, como, onde, quando, enquanto nos agrada, como Deus nos deu a liberdade de fazer. Assim como somos livres para permanecer fora do casamento ou para entrar em casamento, para comer carne ou não, para usar a clausura ou não, para ter o capuz e a tonsura ou não. A este respeito, somos senhores e não toleraremos nenhum mandamento, ensinamento ou proibição.

¹² BROWN, COENEN, HILLYER, *The New International Dictionary of New Testament Theology* - Vol. 3, p. 551.

¹³ WENGERT, Timothy J. *Harvesting Martin Luther's Reflections on Theology, Ethics, and the Church*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Pub. Co., 2004, p. 224.

Também temos feito as duas coisas aqui em Wittenberg. Pois no claustro observamos a missa sem clausura, sem elevação, da maneira mais clara e simples que Karlstadt exalta como seguindo o exemplo de Cristo. Por outro lado, na igreja paroquial ainda temos a clausura, a alva, o altar e elevamos [a hóstia] enquanto isso nos agrada.¹⁴

Os luteranos baseavam sua adoração na doutrina da justificação conectada à doutrina da liberdade cristã. Essa opção influenciou muitas igrejas evangélicas e pentecostais em todo o mundo.

A terceira opção é a resposta reformada, baseada na Palavra de Deus revelada. Bavinck afirmou: “O conhecimento de Deus é o conteúdo exclusivo da teologia”.¹⁵ Obviamente, esse conhecimento de Deus inclui como adorar o Senhor. “Esse conhecimento leva à adoração e ao culto”,¹⁶ diz Bavinck. O pressuposto básico do Princípio Regulador da Adoração é que podemos conhecer a vontade de Deus somente por sua Palavra revelada. Inclui o conhecimento de como adorar a Deus. Em poucas palavras, o Princípio Regulador da Adoração é o entendimento de que devemos oferecer a Deus somente coisas expressamente ordenadas por ele mesmo nas Escrituras.

Algumas obras reforçam a ideia do Princípio Regulador da Adoração. Em uma argumentação brilhante, Daniel Ritchie diz: “Nenhum homem ou Igreja pode ousar ditar a maneira como Deus deve ser adorado, sem uma base sólida nas Escrituras. Somente o próprio Deus tem o direito de decidir como ele deve ser abordado; caso contrário, como ele pode ser Soberano, se os homens podem decidir como ele deve ser adorado?”.¹⁷ Uma das razões pelas quais precisamos basear nossa adoração nas Escrituras é que a revelação geral não é suficiente para nos instruir a adorar. Assim, precisamos do ensino da revelação especial. J. V. Fesko também escreveu sobre o Princípio Regulador do Culto. Sua definição é muito clara: “o ensino de que somente aquelas coisas ordenadas nas Escrituras

¹⁴ LUTHER, Martin; LEHMANN, Helmut T.; BERGENDOFF, Conrad. *Luther's Works Volume 40 - Church and Ministry II*. Philadelphia: Fortress Press, 1958, p. 130. Andreas Bodenstein von Karlstadt foi um teólogo de Karlstadt, Francônia. Foi professor na Universidade de Wittenberg e concedeu a Martinho Lutero o diploma de doutorado em 1512. Ele teve algumas divergências com Lutero sobre a presença real de Cristo na Ceia do Senhor, assumindo a mesma posição de Zwinglio. Para mais informações sobre o pensamento e a história de Karlstadt, veja SIDER, Ronald J. *Andreas Bodenstein von Karlstadt*. Leiden: E. J. Brill, 1974, p. 140-144. Calvin Augustine Pater escreveu sobre Karlstadt como a primeira influência para a origem dos batistas no continente (ele aboliu o batismo infantil em Orlamünde). Depois de alinhar suas ideias com Zuínglio, o reformador de Zurique, Karlstadt tornou-se professor na Universidade de Basileia, onde serviu algumas vezes como reitor. Veja PATER, Calvin Augustine. *Karlstadt as the Father of the Baptist Movements: The Emergence of Lay Protestantism*. Toronto: University of Toronto Press, 1984, p. 3-12; 117-169.

¹⁵ BAVINCK; BOLT, *Reformed Dogmatics*, 147.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ RITCHIE, Daniel F. N. *The Regulative Principle of Worship: Explained and Applied*. Maitland, FL: Xulon Press, 2007, p. 23.

podem ser realizadas na adoração a Deus”.¹⁸ Em poucas palavras, somente práticas prescritas são permitidas no culto ao Senhor.

Schwertley conecta o *slogan Sola Scriptura* da Reforma Protestante com o culto cristão. De acordo com ele, “a Bíblia é uma regra de fé e vida perfeita, completa e suficiente”.¹⁹ A Palavra de Deus inclui obviamente o culto cristão: “A Bíblia é o único padrão absoluto e objetivo pelo qual a ética, a doutrina, o governo da igreja e o culto devem ser julgados”.²⁰ Na mesma direção, Dr. Joel Beeke citou o trabalho do teólogo puritano John Owen. O carro-chefe na teologia do culto de Owen é a doutrina da suficiência das Escrituras. “Para os reformados em geral, e para Owen especialmente, a Escritura é suficiente para determinar e regular a adoração da igreja.”²¹ John Owen era contrário à imposição da liturgia pela coroa inglesa (*Livro Comum de Oração*), não apenas porque a liturgia imposta pela coroa inglesa não respeitava a liberdade dada pelo Evangelho, mas também por causa da inconformidade entre essa liturgia e a Escritura. Owen escreveu: “A invenção arbitrária de qualquer coisa, com comandos para seu uso necessário e indispensável na adoração pública a Deus, como parte dessa adoração, e o uso de qualquer coisa assim inventada e assim ordenada nessa adoração, é ilegal e contrária à regra da Palavra”.²² Se a Escritura é suficiente para todas as áreas da vida cristã, ela inclui a adoração a Deus.

Joe Morecraft III afirmou: “Não devemos reconhecer nenhuma outra fonte de verdade e nenhum outro padrão moral além daquele revelado na Palavra escrita de Deus. E nunca devemos permitir que o homem nos escravize à sua tirania, adicionando ou subtraindo daquela Palavra toda-suficiente”.²³ Ele ofereceu o exemplo de como Deuterônimo 12 regula a adoração de Israel a Deus. Ele declarou: “O princípio do *Sola Scriptura* é aqui aplicado à adoração a Deus”.²⁴ Morton Smith escreveu clara e diretamente: “Deus é aquele que prescreve como ele deve ser adorado. É isso que chamamos de ‘princípio regulador do culto’”.²⁵ Finalmente, A. A. Hodge enfatizou o caráter moral do Princípio Regulador do Culto. Em seu comentário sobre a CFW, ele disse: “Deus em sua Palavra prescreveu para nós como podemos adorá-lo aceitavelmente; e que é uma ofensa a ele e um

¹⁸ FESKO, J. V. *The Theology of the Westminster Standards: Historical Context and Theological Insights*. Wheaton, IL: Crossway, 2014, p. 335.

¹⁹ SCHWERTLHEY, Brian M. *Sola Scriptura and the Regulative Principle of Worship*. Southfield, MI: Reformed Witness, 2000, p. 10.

²⁰ *Ibid.*, 13.

²¹ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. *A Puritan Theology: Doctrine for Life*. Grand Rapids, MI: Reformation Heritage Books, 2012, p. 663.

²² OWEN, John. *Discourse Concerning Liturgies - The Works of John Owen - Vol. 15*. Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1998, p. 33, 34.

²³ MORECRAFT, Joseph C. *How God Wants Us to Worship Him: An Exposition and Defense of the Regulative Principle of Worship*. San Antonio, TX: Vision Forum, 2001, p. 60.

²⁴ *Ibid.*, 61.

²⁵ SMITH, Morton. *The Regulative Principle of Worship: Is it Biblical?* Taylors: Greenville Seminary Press, 1995, p. 2.

pecado em nós negligenciar adorá-lo e servi-lo de qualquer maneira não prescrita”.²⁶ Esta é uma afirmação séria, porque a maioria das igrejas hoje não segue o Princípio Regulador do Culto. Não é apenas uma questão de preferência. É uma questão doutrinária. Além disso, é um dogma estabelecido pela autoridade da igreja na CFW, que tão somente expôs o ensino das Escrituras.

4. COMO O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO (PRC) É APRESENTADO NA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

O PRC é um tópico significativo no capítulo 21 da CFW, como um corolário do capítulo 1 – *Das Escrituras Sagradas*. As Escrituras são a fonte do conhecimento de Deus e ensinam como servir ao Senhor por meio de nossa adoração. O capítulo 21 diz no primeiro parágrafo:

A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força; mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras (CFW, 21:1).

A expressão “a luz da natureza” no princípio do parágrafo da Confissão de fé mencionado é uma referência à revelação natural (geral), que manifesta o poder de Deus e alguns atributos, como Divindade e eternidade. Paulo disse em Romanos 1.19-21: “porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato”. Esta passagem afirma que todo ser humano deve adorar o Senhor. A revelação geral é suficiente para mostrar a todos o dever e a necessidade do ser humano de adorar a Deus. Então, o homem natural é indesculpável porque ele não adora o Criador, mas adora as criaturas.

A segunda parte do primeiro parágrafo do capítulo 21 da CFW aborda a revelação especial. A revelação geral é suficiente para condenar o homem por

²⁶ HODGE. *The Westminster Confession*, p. 270.

adorar criaturas, mas não é suficiente para guiá-lo na maneira correta de adorar a Deus. No entanto, a revelação especial pode perfeitamente levar o homem a adorar o Senhor. Está claro na CFW que a revelação especial direciona o homem para uma maneira correta de adorar. Ela diz: “... mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras” (ênfase minha). É notável a menção à revelação da vontade de Deus. Revelação da vontade de Deus significa *revelação especial*. Então, Deus revela sua vontade e a maneira aceitável de adorá-lo na Bíblia.

Muitos autores e acadêmicos apoiam o RPC da CFW. A. A. Hodge ensinou que Deus revela sua vontade de tal forma que qualquer maneira diferente de adorá-lo é pecaminosa. Hodge falou sobre isso em seu comentário sobre o capítulo 21 da CFW:

Já vimos no capítulo I que Deus nos deu nas Sagradas Escrituras uma regra de fé e prática infalível, autoritativa, completa e perspicaz; que “todo o conselho de Deus, a respeito de todas as coisas necessárias para sua própria glória e salvação, fé e vida do homem, está expressamente estabelecido nas Escrituras, ou por boa e necessária consequência pode ser deduzido das Escrituras”. Daí decorre necessariamente que, uma vez que Deus prescreveu o modo pelo qual devemos adorá-lo e servi-lo de forma aceitável, deve ser uma ofensa a ele e um pecado em nós negligenciarmos seu caminho ou, em preferência, praticarmos nosso próprio caminho.²⁷

Joe Morecraft também reconhece claramente o PRC na CFW. Ele afirma: “A Confissão de Fé de Westminster deixa claro que podemos saber tudo o que é necessário para nossas ações de glorificação de Deus na adoração por: (1) mandamentos divinos expressamente estabelecidos nas Escrituras, e (2) mandamentos divinos que são deduzidos das Escrituras por boa e necessária consequência”.²⁸ Da mesma forma, Bryan Chapell descreve o trabalho dos teólogos na Assembleia de Westminster como caminhando para o PRC. Ele escreveu: “Este princípio [PRC] dizia que somente o que é ordenado por instrução explícita das Escrituras ou logicamente deduzido como uma consequência boa e necessária das declarações das Escrituras era apropriado para a adoração pública a Deus”.²⁹ Ritchie usa palavras fortes para mostrar como a CFW ensina o RPW: “A

²⁷ Ibid., p. 271.

²⁸ MORECRAFT. *How God Wants Us to Worship Him*, p. 75.

²⁹ CHAPPELL, Bryan. *Christ-Centered Worship - Letting the Gospel Shape Our Practice*. Grand Rapids,

Confissão de Fé de Westminster não deixa espaço para a Igreja inventar e impor a observância de cerimônias religiosas que não estejam estabelecidas nas Escrituras”.³⁰ Não há lugar para inovações fora das Escrituras. Morton Smith enfatizou a indicação da CFW “de que Deus é Aquele que prescreve como ele deve ser adorado”.³¹ McMurray comentou o capítulo 21 da CFW dizendo: “Em todas as nações e em todas as épocas, os homens sentiram essa obrigação, embora não conhecessem as Escrituras, mas a maneira aceitável de adorar a Deus é revelada nas Escrituras, e o homem caído não pode adorar a Deus de forma aceitável, exceto pela luz das Escrituras”.³² Essa declaração também é um claro reconhecimento do PRC na CFW.

Este PRC é uma resposta notória aos desvios na Igreja Católica ao longo dos séculos. A Reforma foi vitoriosa em trazer a igreja de volta às Escrituras. No entanto, a igreja inglesa estava sendo forçada a abandonar as marcas da Reforma ao usar o *Livro Comum de Oração* cheio de questões papistas. Os puritanos da Assembleia de Teólogos de Westminster então reafirmaram o PRC, em clara tentativa de manter a igreja pura em relação à adoração pública. Como Iain Murray afirma, “Toda adoração professada que não procede com base na vontade revelada de Deus tem, portanto, que ser rejeitada porque significa colocar os desejos e imaginações do homem ao lado ou no lugar dos mandamentos de Deus”.³³

Este PRC não era uma questão nova na tradição reformada nos dias da Assembleia de Teólogos de Westminster. Calvino havia declarado isso antes. Em suas *Institutas*, ele escreveu:

Tal é a religião pura e genuína, a saber, a confiança em Deus aliada ao temor sério—temor que inclui em si reverência voluntária e traz consigo tal adoração legítima como é prescrita pela lei. E deve ser considerado mais cuidadosamente que todos os homens promiscuamente prestam homenagem a Deus, mas muito poucos o reverenciam verdadeiramente. Em todas as mãos há abundância de cerimônias ostentosas, mas a sinceridade de coração é rara (I, 2, 2).³⁴

MI: Baker Academic, 2009, p. 56.

³⁰ RITCHIE. *The Regulative Principle of Worship*, p. 16.

³¹ SMITH, Morton H. *The Regulative Principle of Worship: Is It Biblical?* Taylors: Greenville Seminary Press, 1995, p. 2.

³² MCMURRAY, Carl Walker. *Talks on the Westminster Confession of Faith*. Marion: Helen Johnson McMurray, 1984, p. 89.

³³ MURRAY, Iain. *The Directory for Public Worship* em CARSON, John L. Carson and David W. Hall, *To Glorify and Enjoy God: A Commemoration of the 350th Anniversary of the Westminster Assembly*. Edinburgh; Carlisle: Banner of Truth Trust, 1994, p. 176.

³⁴ CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. Albany: Ages Digital Library, 1999, p. 59..

Calvino não aceitava nenhuma forma de adoração além das Escrituras. É digno de nota como Calvino mostrou o problema romano de seguir ritos ricos em elementos da tradição da igreja, mas pobres em sinceridade de coração. Além disso, Calvino denuncia a falsa adoração baseada em intuições humanas: “Com tal ideia de Deus, nada que eles possam tentar oferecer em forma de adoração ou obediência pode ter qualquer valor aos seus olhos, porque não é a ele que eles adoram, mas, em vez dele, o sonho e a invenção de seus próprios corações”.³⁵ Calvino mostrou claramente que a Escritura é o meio que Deus usa para ensinar seu povo a adorá-lo de uma forma aceitável. “Além disso, o conhecimento de Deus, que é colocado diante de nós nas Escrituras, é projetado para o mesmo propósito que aquele que brilha na criação, a saber, que possamos, assim, aprender a adorá-lo com perfeita integridade de coração e obediência sincera, e também depender inteiramente de sua bondade.”³⁶ Em outra passagem, Calvino sustenta o PRC novamente: “Ele abrange ambos em sua Lei quando primeiro vincula os fiéis à fidelidade a ele como seu único Legislador, e então prescreve uma regra para adorá-lo de acordo com sua vontade”.³⁷

4.1 PROVA BÍBLICA DO PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO

A prova bíblica do PRC se baseia nas passagens em que Deus exige estrita obediência aos seus mandamentos relacionados ao culto. As evidências bíblicas do PRC começam com o Segundo Mandamento: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (Êx 20.4-6). O pressuposto bíblico básico do PRC é o fato de que somente Deus deve ser adorado. Quando Jesus respondeu a Satanás em Lucas 4.8 (“Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto”), ele não deixou dúvidas de que somente Deus é digno de adoração. Além disso, o primeiro mandamento afirma que Deus é aquele que tem os direitos exclusivos de ser adorado. Êxodo 20.2-3 diz: “Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim.” Este é o pressuposto fundamental para uma adoração bíblica. Somente Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) é digno de adoração. Além disso, a Escritura também diz: “Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14.7). “O SENHOR, teu Deus, temerás, a ele servirás [*abad*], e, pelo seu nome, jurarás” (Dt 6.13).

³⁵ Ibid., p. 65.

³⁶ Ibid., p. 115.

³⁷ Ibid., p. 134.

O segundo pressuposto fundamental do PRC vem do *Breve Catecismo de Westminster*, que declara as Escrituras como regra que Deus deu para nos direcionar como podemos glorificá-lo e desfrutá-lo, o que certamente inclui adoração. A resposta da segunda pergunta do *Breve Catecismo* diz: “A Palavra de Deus, que se acha nas Escrituras do Velho e do Novo Testamentos, é a única regra para nos dirigir na maneira de o glorificar e gozar”. Uma das passagens básicas que ensinam isso é 2Timóteo 3.16: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”. Além disso, a Escritura governa claramente a maneira correta de adorar nosso Senhor, que está incluída na frase “educação na justiça”.

John Owen começou sua peregrinação na maneira de adorar com uma declaração básica: “Nós o adoramos em e pelos caminhos de sua própria designação”.³⁸ Esta é uma afirmação clara do PRC. Owen ofereceu boas provas bíblicas desta declaração. Ele mencionou Mateus 4.10, “Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto”. A frase “está escrito” estabelece a *revelação especial* como a regra de adoração.

A CFW fornece em si mesma uma prova bíblica do PRC. Por exemplo, a Assembleia dos Teólogos citou Deuteronômio 12.32, “Tudo o que eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás, nem diminuirás”. Este mandamento foi dado porque o povo de Israel acrescentou coisas à adoração a Deus que ele não havia ordenado. Como Morecraft afirma, “O princípio da Sola Scriptura é aqui aplicado à adoração a Deus”.³⁹ Por esta razão, podemos dizer que a introdução de performances de entretenimento moderno na adoração é um erro. A Assembleia de Westminster corrigiu os erros do papado de introduzir ritos pagãos na adoração cristã quando eles estabeleceram o PRC. Ritchie reprovou claramente as práticas modernas de introduzir novos elementos na adoração a Deus: “Em menor extensão, os evangélicos modernos fazem algo semelhante quando introduzem música *country* e *western*, drama, solos musicais e outras formas de entretenimento na adoração a Deus; eles estão simplesmente seguindo os preceitos do mundo em vez dos mandamentos do Senhor”.⁴⁰

Outra passagem mencionada pela Assembleia de Westminster é Mateus 15.9, “E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”. De acordo com essa passagem, Jesus reprovou claramente os escribas e fariseus por aceitarem preceitos de homens em vez dos mandamentos de Deus a respeito da adoração. Ritchie afirma: “Atos de adoração religiosa que não têm fundamento na palavra de Deus, mas são invenções de homens, são aqui repudiados por Cristo

³⁸ OWEN, John; GOOLD, W. H. *The Works of John Owen - Vol. XV*. London, Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1965, p. 447.

³⁹ MORECRAFT, Joe. *How God Wants Us to Worship Him*, p. 61.

⁴⁰ RITCHIE. *The Regulative Principle of Worship*, p. 37.

— o Rei da Igreja”.⁴¹ Junto com esse ensinamento está Mateus 4.9-10, quando Satanás sugeriu uma inovação na adoração com estas palavras: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. A resposta de Jesus mostra o PRC aplicado por ele mesmo: “Retira-te, Satanás, *porque está escrito*: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (ênfase minha). Deus prescreveu a maneira correta de adoração nas Escrituras.

Hoje é comum entre os pentecostais práticas das leis cerimoniais do Antigo Testamento. É o mesmo que voltar para as sombras em vez de olhar para a imagem real. Quando Jesus ensinou a mulher de Samaria sobre adoração, ele deixou claro que a maneira correta de adorar é baseada nele mesmo e não nas sombras. “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.23-24). O ponto aqui é que os verdadeiros adoradores são retratados como adoradores do Pai em espírito e em verdade. A palavra grega usada por João para *verdadeiros* é *aletinoi*, que se contrapõe às “observâncias cerimoniais da instituição mosaica”,⁴² que não passavam de sombras ou tipos. Assim, a adoração baseada na mediação de Cristo e sua palavra é adoração verdadeira; ela contrasta com a adoração tipológica, baseada no Antigo Testamento (veja também Hb 9.23-24). Assim, a adoração em espírito e em verdade aponta para as Escrituras como o padrão para adorar a Deus. A Palavra de Deus é a verdade.

A última passagem que servirá como base bíblica para o PRC neste ensaio é Colossenses 2.18-23: “Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal, e não retendo a cabeça, da qual todo o corpo, suprido e bem-vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus. Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade”. Paulo claramente exorta os colossenses a não seguirem os mandamentos dos homens a respeito da adoração. Esses mandamentos têm a aparência de “religião feita por eles mesmos” (*English Standard Version*), mas apenas satisfazem a carne. A *New International Version* traduziu a mesma expressão como “adoração autoimposta”, que é a melhor tradução do grego. Ritchie comenta essa passagem de forma

⁴¹ Ibid., p. 53.

⁴² HENRY, Matthew; CHURCH, Leslie F. *Commentary on the Whole Bible: Genesis to Revelation* - Vol. 5. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961, p. 730.

eloquente: “Então, quando as pessoas inventam suas próprias maneiras de adorar a Deus, que Ele não ordenou, elas estão simplesmente se envolvendo em ‘adoração autoimposta’ — formas de adoração que elas impuseram a si mesmas e aos outros sem qualquer consideração aos mandamentos do Rei Jesus”.⁴³ Calvino também condenou as invenções humanas na adoração com base nesta passagem. Em suas *Institutas*, ele afirmou que Paulo “sabia que toda adoração fictícia é condenada na Igreja”.⁴⁴ Calvino também diz, comentando Colossenses 2.23, mais precisamente a frase de Paulo “segundo os preceitos e doutrinas dos homens”:

Ele [Paulo] aponta mais precisamente que tipo de filosofia ele reprova, e ao mesmo tempo a condena de vaidade por um duplo motivo—porque não é de acordo com Cristo, mas de acordo com as inclinações dos homens; e porque consiste nos elementos rudimentares do mundo. Observe, no entanto, que ele coloca Cristo em oposição aos elementos rudimentares do mundo, igualmente quanto à tradição dos homens, pelo qual ele sugere que tudo o que é produzido no cérebro do homem não está de acordo com Cristo, que nos foi designado pelo Pai como nosso único Mestre; para que ele pudesse nos reter na simplicidade do evangelho. Agora, isso é corrompido até mesmo numa pequena porção do fermento das tradições humanas. Ele sugere também que todas as doutrinas são estranhas a Cristo que faz a adoração a Deus, que sabemos ser espiritual, de acordo com a regra de Cristo, consistir nos elementos do mundo, e também aquelas que acorrentam as mentes dos homens por tais ninharias e frivolidades, enquanto Cristo chama diretamente para si.⁴⁵

Assim, seguindo as instruções de Calvino, temos que condenar e rejeitar os preceitos que não vêm das Escrituras, mas das tradições dos homens.

Finalmente, John Owen mencionou claramente as Escrituras como o padrão para uma adoração aceitável. Ele afirmou: “Na e pela palavra escrita somente, que contém uma revelação plena e perfeita da vontade de Deus quanto a toda a sua adoração e todas as preocupações dela”.⁴⁶ Owen acreditava corretamente que a teologia da adoração é um corolário da doutrina da suficiência das Escrituras. Deus deu sua revelação especial para instruir a igreja “em sua mente e vontade quanto ao que diz respeito à adoração e obediência que ele

⁴³ RITCHIE. *The Regulative Principle of Worship*, p. 61.

⁴⁴ CALVIN, John. *Institutes*, p. 1217.

⁴⁵ CALVIN, John. *Calvin's Commentaries - Vol. 21*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999, p. 181.

⁴⁶ OWEN, John; GOOLD. *Works - XV*, p. 449-450.

requer de nós”.⁴⁷ A igreja cristã deve rejeitar as inovações humanas, “para que somente das Escrituras aprendamos o que é aceitável a Deus em sua adoração”.⁴⁸

4.2 O NOVO TESTAMENTO COMO GUIA DE REFERÊNCIA DO PRC

O PRC declara os comandos expressos nas Escrituras como a regra de como adorar a Deus. Agora surge uma questão: é correto usar tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos, ou somente o Novo Testamento como base para o PRC? Aqueles que defendem o uso do Antigo e do Novo Testamentos tendem a admitir mais práticas diversas na adoração. Aqueles que defendem o uso somente do Novo Testamento tendem a ser mais restritivos nas práticas para adoração.

Joe Morecraft admite toda a Escritura como regra para adoração. Baseado no Antigo Testamento, ele defende o uso de coros, solos vocais e música especial na adoração pública. Em seu capítulo *O Lugar da Música Especial na Adoração a Deus*, ele afirma: “Coros de cantores treinados e pagos tinham um papel importante na adoração do Tabernáculo/Templo do povo da aliança de Deus no Antigo Testamento. Seus arranjos elaborados eram impressionantes e lindos”.⁴⁹ Ele cita 1Crônicas 23.5 para mostrar que um grande coral e orquestra com quatro mil pessoas costumavam cantar e tocar no templo. Alguns oponentes argumentam que os coros tinham função cerimonial no AT. Sobre essa objeção, ele responde:

Se esse for o caso, então, de acordo com a Confissão de Fé de Westminster, XIX.3, o Novo Testamento os revogou. No entanto, essa afirmação não pode resistir ao exame, porque levanta a questão: ‘de que maneira os coros são meramente cerimoniais?’ Esta é uma questão significativa, porque coros e instrumentos musicais não são inerentemente cerimoniais. Eles não foram instituídos na época em que a adoração cerimonial foi instituída com o Tabernáculo, mas cerca de 500 anos depois.⁵⁰

Seu argumento é forte porque a lei foi cumprida em Cristo. Assim, a lei cerimonial foi revogada. No entanto, o Dr. Morton Smith defende o uso exclusivo do Novo Testamento como regra para adoração usando o mesmo argumento. Ele diz:

Deve ser lembrado que a adoração do Antigo Testamento, depois do Monte Sinai, era parte da lei cerimonial. Esta parte da Lei foi cumprida por Cristo em sua vida, morte e ressurreição. É certo

⁴⁷ Ibid., p. 450.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ MORECRAFT, Joe. *How God Wants Us to Worship Him*, p. 193.

⁵⁰ Ibid., p. 194.

que os primeiros cristãos judeus continuaram a adorar no Templo, mas isso não foi imposto aos gentios. Deus confirmou o fim da lei cerimonial e da adoração no Templo com a destruição de Jerusalém, incluindo o Templo em 70 d.C. Até mesmo os judeus ortodoxos reconheceram que os sacrifícios de sangue cessaram com a destruição do Templo. Assim, olhamos principalmente para o Novo Testamento, não para o Antigo. É por essa razão que coisas como a dança, que é mencionada no Antigo, mas não no Novo, não são encontradas na adoração cristã.⁵¹

Podemos ver uma diferença entre o culto no Antigo e no Novo Testamentos. A adoração no Antigo Testamento envolvia holocaustos, sacrifícios, ofertas pacíficas, ofertas de carne, Páscoa, as ofertas especiais,⁵² as ofertas de manjares e o *Yom Kippur*. O sacerdote mediava todas essas cerimônias. Jesus Cristo é o Mediador. Ele é o Sumo Sacerdote. Ele cumpriu todos os tipos e sombras do Antigo Testamento. Assim, no Novo Testamento a adoração é centrada em Cristo, mas sem as sombras. A adoração cristã do NT é mais simples que a do AT.

4.3 ORDENANÇAS E CIRCUNSTÂNCIAS NO CULTO

As Escrituras são claras quando prescrevem os atos litúrgicos do culto. As Escrituras, no entanto, detalhariam tudo relacionado ao culto cristão? Muitos pastores, mesmo reformados, usam um conceito errado de circunstâncias de culto para introduzir novas práticas que não foram ordenadas nas Escrituras. Uma declaração correta de ordenanças e circunstâncias é importante para evitar esse tipo de mal-entendido.

a. Ordenanças

Ordenanças, também chamadas de *elementos*, são os atos litúrgicos expressos nas Escrituras. Bryan Chapell define elementos como “componentes de adoração com precedentes bíblicos”.⁵³ As ordenanças são sempre as mesmas, e não dependem de fatores culturais, tecnológicos ou econômicos. Jesus ofereceu um exemplo do que temos que fazer para adorar a Deus. De acordo com Morton Smith, em relação à adoração pública, Jesus “honrou tanto o templo quanto a sinagoga; criticou ambos em seu uso perverso do sábado, e apontou para uma adoração mais pura; estabeleceu os princípios básicos da adoração, que devem ser espirituais, internos e em verdade”.⁵⁴ Smith também afirmou que Jesus ensinou as seguintes ações que devem ser incluídas no culto público: “pregação

⁵¹ SMITH, Morton; *The Regulative Principle of Worship*, p. 5.

⁵² No caso da purificação de leprosos.

⁵³ CHAPELL, B. *Christ-Centered Worship*, p. 108 note 4.

⁵⁴ SMITH, M. *The Regulative Principle of Worship*, p. 15.

da palavra, oração, sacramentos, canto, confissão de fé, juramentos solenes”.⁵⁵ Teólogos reformados chamam essas práticas litúrgicas *ordenanças* ou *elementos* do culto.

A CFW lista as seguintes práticas como ordenanças do culto público: oração,⁵⁶ leitura das Escrituras, pregação da Palavra, cântico dos salmos, a administração dos sacramentos.⁵⁷ Embora juramentos religiosos, votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais não sejam listados como ordenanças, eles devem ser usados de maneira santa e religiosa. Morton Smith listou alguns elementos de adoração deduzindo-os da igreja apostólica: leitura das Escrituras, pregação, oração, canto, observância dos sacramentos, coleta de ofertas, confissão de pecado e arrependimento, confissão da fé e bênçãos.⁵⁸

b. Circunstâncias

O conceito de circunstâncias de adoração veio da CFW: “... Há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comum às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras gerais da palavra, que sempre devem ser observadas”.⁵⁹ De acordo com Bryan Chapell, as circunstâncias são “considerações pragmáticas de convenção ou conveniência humana”.⁶⁰ Há algumas questões de conveniência que não são prescritas nas Escrituras, como tempo para adoração, mobília, sistema de som, *layout*, iluminação ou dispositivo de genuflexão. A administração desses recursos é puramente circunstancial. Ritchie define circunstâncias de adoração como “coisas que não são essenciais para que a adoração a Deus ocorra ou não, mas são necessárias para que a adoração pública possa ser conduzida de forma ordenada”.⁶¹ O propósito da administração das circunstâncias do culto é facilitar o serviço e não transgredir os princípios bíblicos da santa adoração.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ “A oração com ações de graças, sendo uma parte especial do culto religioso, é por Deus exigida de todos os homens; e, para que seja aceita, deve ser feita em o nome do Filho, pelo auxílio do seu Espírito, segundo a sua vontade, e isto com inteligência, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança. Se for vocal, deve ser proferida em uma língua conhecida dos circunstantes.” (CFW, XXI.3). “A oração deve ser feita por coisas lícitas e por todas as classes de homens que existem atualmente ou que existirão no futuro; mas não pelos mortos, nem por aqueles que se saiba terem cometido o pecado para a morte.” (CFW, XXI.4).

⁵⁷ “A leitura das Escrituras com o temor divino, a sã pregação da palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência; o cantar salmos com graças no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo – são partes do ordinário culto de Deus, além dos juramentos religiosos; votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais, tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso.” (CFW, XXI.5).

⁵⁸ SMITH, M. *The Regulative Principle of Worship*, p. 15–22.

⁵⁹ CFW, 1.6 (sem ênfase no original).

⁶⁰ CHAPPELL, B. *Christ-Centered Worship*, p. 108 note 4.

⁶¹ RITCHIE. *The Regulative Principle of Worship*, p. 80.

De acordo com Ryan McGraw, em seu *Heavenly Directory*, “as circunstâncias da adoração indicavam qualquer coisa que envolvesse a adoração pública sem interferir nas ordenanças divinamente designadas”.⁶² Muitos pastores reformados têm sido tentados a usar o conceito de circunstâncias de adoração como uma oportunidade para introduzir inovações na adoração a Deus. Citando George Gillespie, McGraw lembra que há três critérios claros para identificar o que é legítimo como circunstâncias de adoração: “as circunstâncias devem, primeiro, não ser uma parte substancial da adoração, o que significa que não devem ter nenhum significado religioso. Segundo, as circunstâncias se relacionam a questões que facilitam a adoração, mas que não podem ser determinadas pelas Escrituras. Terceiro, deve haver ‘alguma boa razão’ para as circunstâncias, tornando-as necessárias para cumprir os mandamentos de Deus”.⁶³ Obviamente muitos pastores não observam estes critérios e admitem práticas com significado em si mesmas: testemunhos, dramatizações, cantatas, homenagem (homenagem a uma pessoa), propaganda, culto infantil,⁶⁴ e outras inovações no culto público.

Portanto, a CFW não encoraja inovações na adoração sob o pretexto de circunstâncias. A adoração é um serviço grave que a igreja oferece a Deus. Ele é santo, justo e soberano. Seu povo deve cumprir sua vontade. Caso contrário, Deus não ficaria satisfeito com o serviço que oferecemos a ele, mas ele diria: “O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende” (Is 1.3). Além disso, ele permitiria nossa adoração, como disse sobre o povo de Israel:

Por que haveis de ainda ser feridos, visto que continuais em rebeldia? Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas, umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo. A vossa terra está assolada, as vossas cidades, consumidas pelo fogo; a vossa lavoura os estranhos devoram em vossa presença; e a terra se acha devastada como numa subversão de estranhos. A filha de Sião é deixada como choça na vinha, como palhoça no pepinal, como cidade sitiada. Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, já nos teríamos tornado como

⁶² MCGRAW, Ryan M. *A Heavenly Directory: Trinitarian Piety, Public Worship and a Reassessment of John Owen's Theology*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014, p. 102.

⁶³ Ibid., 103. See George Gillespie, *A Dispute English Popish Ceremonies Obtruded on the Church of Scotland* (Dallas: Naphtali Press, 1993), 112-115.

⁶⁴ *Culto infantil* é uma prática comum nas igrejas presbiterianas do Brasil, quando as crianças são levadas para um lugar diferente, ouvem uma história bíblica e fazem algumas atividades manuais. Elas saem do local de culto antes da pregação da Palavra de Deus e permanecem lá até o final do culto.

Sodoma e semelhantes a Gomorra. Ouvi a palavra do Senhor, vós, príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, povo de Gomorra. De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? — diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem vos requereu o só pisardes os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal (Is 1.5-16).

CONCLUSÃO

A adoração a Deus é um dos assuntos mais controversos hoje. A adoração deve ser levada a sério. No entanto, muitas igrejas não se importam em como adorar o Senhor de forma aceitável. Elas simplesmente se concentram em seu próprio prazer e em seu desejo por entretenimento. Uma das regras mais observadas hoje é “sentir-se bem”, ou seja, soluções pragmáticas. As regras bíblicas não importam; se elas se sentiram bem, está tudo bem. A grande concentração no ser humano, esforçando-se para proporcionar satisfação e prazer, faz com que as igrejas evangélicas adorem o Senhor de forma reprovada. Elas são incoerentes, porque sua proclamação é o oposto. Elas admitem que querem agradar a Deus, mas sua prática leva à direção oposta.

Até mesmo as igrejas presbiterianas, que seriam as herdeiras diretas dos Padrões de Fé de Westminster, têm sido negligentes em relação à adoração a Deus. Ansiosas por crescer numericamente, elas acabam pervertendo a adoração sagrada a Deus ao permitir inovações como testemunhos, dramas, cantatas, honrarias (tributos a uma pessoa), anúncios e serviços infantis. É hora de olhar para a história da Igreja da Inglaterra. Uma das razões pelas quais os puritanos surgiram como um grupo de homens que desejavam uma igreja purificada foi a perversão da adoração sagrada a Deus. A liderança nacional e o clero tentaram introduzir uma forma pervertida de adoração, por meio do *Livro Comum de Oração*, mas os servos de Deus lutaram pela aplicação das Escrituras como regra da adoração a Deus.

Podemos ver a mesma tentativa de perverter a adoração a Deus nas igrejas hoje. Eles não têm a mesma estratégia de forçar as igrejas a adotarem um *Livro*

Comum de Oração, mas o mundo se esforça para conformar a igreja a este século. O Princípio Regulador do Culto é um princípio atual e necessário a ser seguido hoje, porque aponta para as Escrituras. O mundo passará, mas a Palavra de Deus permanecerá para sempre. Soli Deo Gloria!

ABSTRACT: This article will offer a brief definition of key theological terms related to the theology of worship, such as “worship,” “service,” “liturgy,” “ordinances” (or “elements”), and “circumstances.” Finally, the Regulative Principle of Worship will be defined and explained based on Scripture and the Reformed tradition, as biblical prescriptions as a rule for what should be practiced in public worship. The purpose of this article is to offer a defense of the Regulative Principle of Worship as a biblical teaching based on the idea of the sufficiency of Scripture. This regulative principle must be observed today, even when trends in the modern church are moving in the opposite direction.

KEYWORDS: Worship; Adoration; Liturgy; Ordinances; Elements of worship; Circumstances of worship; Regulative principle of worship.